



NOTA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA 97|2018

Estatísticas bancárias internacionais em base consolidada

2.º trimestre de 2018

10 de outubro de 2018

O Banco de Portugal publica hoje, no quadro [A.24](#) do Boletim Estatístico e no BPstat, as estatísticas bancárias internacionais em base consolidada relativas ao segundo trimestre de 2018.

Estas estatísticas apresentam duas perspetivas da exposição internacional dos bancos com sede em Portugal: i) ótica do risco imediato — exposição aos países de residência dos agentes com quem o banco celebrou o contrato diretamente e que têm a responsabilidade imediata perante o banco; ii) ótica do risco de última instância — exposição aos países onde residem os agentes que garantem o cumprimento do contrato em substituição da entidade com quem este foi celebrado, refletindo a existência de garantias prestadas por um terceiro interveniente.

No segundo trimestre de 2018, os ativos financeiros internacionais dos bancos portugueses, na ótica do risco imediato, situavam-se em 73,5 mil milhões de euros, mais 0,8 mil milhões de euros relativamente ao primeiro trimestre de 2018. (Gráfico 1).

Na ótica do risco de última instância, no segundo trimestre de 2018, os bancos portugueses deti-

nam 74,9 mil milhões de euros de ativos financeiros internacionais, dos quais cerca de 60% localizavam-se na União Europeia. Em comparação com o trimestre anterior verificou-se um decréscimo de 0,4 mil milhões de euros.

A diferença entre as duas óticas do risco (1,9 mil milhões de euros) corresponde a uma transferência de risco líquida de Portugal para o exterior. Uma vez que os ativos financeiros internacionais, na ótica de risco de última instância são superiores aos na ótica de risco imediato, significa que existem ativos dos bancos sobre entidades residentes que são garantidos, em última instância, por entidades não residentes (Gráfico 1).

A exposição em risco de última instância a Estados-Membros da União Europeia e aos BRICS manteve-se superior à exposição em risco imediato (Gráfico 2).

Inversamente, no que respeita aos PALOP, os bancos portugueses apresentavam maior exposição em risco imediato do que em risco de última instância: parte dos ativos que estes detinham sobre entidades residentes nos PALOP eram garantidos por entidades não residentes neste grupo de países (Gráfico 2).

Gráfico 1 • Ativos financeiros internacionais dos bancos portugueses na ótica do risco e transferências de risco líquidas

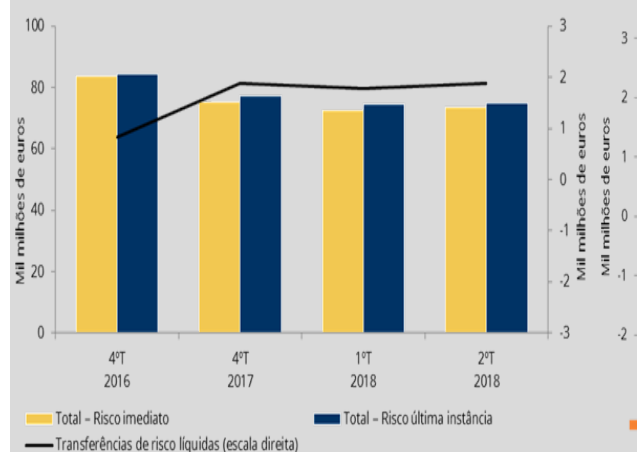


Gráfico 2 • Transferências de risco líquidas, por principais agregados geográficos



Informação adicional disponível em:

[Quadro A.24 do Boletim Estatístico](#)

[Nota de informação estatística n.º 13, publicada em novembro de 2015](#)

Data da próxima atualização: 9 de janeiro de 2019

Banco de Portugal | info@bportugal.pt